

## ***Vitae memorabilem: o memorial acadêmico como escrita autobiográfica entre historiadores e antropólogos***

Wilton C. L. Silva

**Wilton C. L. Silva**

Universidade Estadual Paulista – Assis, SP, Brasil.

E-mail: [wilton.silva@unesp.br](mailto:wilton.silva@unesp.br)

ORCID: 0000-0002-1507-8017

**Resumo:** No Brasil o memorial acadêmico é um relato crítico autorreferenciado da trajetória cultural e intelectual de um docente universitário, exigido em concursos públicos de progressão de carreira. A partir da análise de alguns memoriais acadêmicos dos professores aprovados em concursos de livre-docência (e em alguns de titularidade) nos Departamentos de História e Antropologia na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Campinas (Unicamp), entre 2000 e 2015, para identificar possíveis eixos narrativos e problematizar processos de construção social da memória, tendo como referenciais a ego-história e a autoetnografia. Concluímos que os autores-narradores estão vinculados a relações particulares com seu tempo e seu *ethos*, o que mostra que tal tipo de documento é tanto um relato de uma trajetória como também reflexo de uma forma de institucionalização do Ensino Superior.

**Palavras-chave:** Memorial acadêmico; Ego-história; Autoetnografia; Unicamp; USP.

Artigo recebido em 21 de julho de 2021 e aprovado para publicação em 07 de março de 2022.

DOI: 10.33871/nupem.2022.14.32.41-58

***Vitae memorabilem: the academic memoir as autobiographical writing by historians and anthropologists***

**Abstract:** In Brazil, the academic memoir is a self-referenced critical account of the cultural and intellectual trajectory of a university professor, required in public tenders for career progression. Based on the analysis of some academic memoirs of professors approved in professorship competitions (full professorship, in some cases) in the Departments of History and Anthropology at USP and Unicamp, between 2000 and 2015, to identify possible narrative axes and problematize processes of social construction of memory, using ego-history and self-ethnography as references. We conclude that the authors-narrators are linked to particular relations with their time and their ethos, which shows that this type of document is both a report of a trajectory and a reflection of a form of institutionalization of Higher Education.

**Keywords:** Academic memoir; Ego-history; Self-ethnography; Unicamp; USP.

***Vitae memorabilem: el memorial académico como escritura autobiográfica de historiadores y antropólogos***

**Resumen:** En Brasil, el memorial académico es un relato crítico autoreferenciado de la trayectoria cultural e intelectual de un profesor universitario, requerido en exámenes públicos para el avance profesional. A partir del análisis de algunas memorias académicas de profesores aprobados en concursos en los Departamentos de Historia y Antropología de la USP y Unicamp, entre 2000 y 2015, para identificar posibles ejes narrativos y problematizar procesos de socialización. construcción de la memoria, teniendo como referentes la historia del yo y la autoetnografía. Concluimos que los autores-narradores están vinculados a relaciones particulares con su tiempo y su ethos, lo que demuestra que este tipo de documentos es tanto el relato de una trayectoria como el reflejo de una forma de institucionalización de la Educación Superior.

**Palabras clave:** Memorial académico; Ego-historia; Autoetnografía; Unicamp; USP.

## Introdução

*Deixo aos vários futuros (não a todos) o meu jardim de caminhos que se bifurcam.*

(Borges, 2014[1941], s./p.).

A epígrafe acima pertence a um dos contos de Jorge Luís Borges, uma narrativa policial intitulada “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, descreve um enredo que, como um labirinto, se apresenta como uma estória de forma não linear e dotado de uma espacialidade própria, com múltiplos tempos, divergentes, convergentes e paralelos.

Narrar a si mesmo é enfrentar um labirinto, tanto na concepção do local criado enquanto exemplo de racionalidade e geometria que protege e ao mesmo tempo aprisiona, quanto pela etimologia da própria palavra, que significa “machado de dupla lâmina” e que pode defender e ferir (Dourado, 1974, p. 5).

As fontes primárias sobre a própria vida oferecem não só a dimensão das experiências pessoais de um sujeito em suas ações cotidianas, em um relato que se pretende verídico, mas também se apresentam como uma representação do indivíduo e de seus contextos que devem ser entendidos para além do contraste verdade-mentira ou exatidão-inexatidão, mas como uma tipologia dos gêneros, uma perspectiva específica, reflexo de situações de construção das representações de si e do mundo, estratégias de autorrepresentação e autofiguração, afirmação de identidades e de outras dimensões que se constroem na escrita de si<sup>1</sup>.

Buscamos desenvolver na pesquisa que fundamenta o presente artigo um conjunto de práticas investigativas e algumas reflexões sobre particularidades de um material arquivístico que tem tanto uma dimensão burocrática quanto subjetiva: o memorial acadêmico, em particular, de dois departamentos em duas universidades públicas paulistas (Antropologia e História, da Universidade de São Paulo – USP – e da Universidade de Campinas – Unicamp)<sup>2</sup>.

O trabalho de campo permitiu a identificação e o recolhimento de dezoito memoriais de quinze professores da Unicamp e de cinquenta e três documentos de quarenta e quatro docentes da USP, dos departamentos estudados, em um total de setenta e um memoriais acadêmicos, com extensões que variam de trinta a quinhentas páginas.

Tal tipo de documento, enquanto relato crítico da trajetória cultural e intelectual de um docente universitário que é exigido em concursos públicos de progressão de carreira, é também um exercício de

<sup>1</sup> Há vasta e rica bibliografia sobre o tema tanto no campo da Antropologia quanto da História sobre “veracidade”, “verdade”, “narrativa”, “discurso” e “representação”, mas a discussão de suas particularidades, tensões e confluências transcende os limites do presente artigo.

<sup>2</sup> Os memoriais de formação são um campo legitimado e bastante estudado na área de Formação de professores e da História da Educação (Passeggi; Souza, 2008; Passeggi; Souza; Vicentini, 2011) embora ainda não suficientemente abordados tanto pela historiografia quanto pelas ciências sociais, sendo que Silva (2015, p. 108) chama a atenção para a forma como o “estudo das narrativas de vida de educadores tem sido abordado por uma extensa diversidade de entradas e terminologias de pesquisa, sintoma de uma flutuação terminológica em torno das histórias e relatos de vida, biografias e autobiografias que refletem a riqueza e a dificuldade de se expressar distintas vivências e temporalidades”. O memorial acadêmico é um documento público, sendo seu arquivamento e a forma de acesso definida de acordo com a instituição na qual é apresentado, no caso da USP e Unicamp tais aspectos serão apresentados em outro momento do presente artigo.

rememoração, representando tanto a memória individual no interior de uma carreira profissional como parte da memória institucional do ensino superior no país<sup>3</sup>.

Com certeza a origem burocrática do mesmo, um concurso público para ascensão profissional, com características imprescindíveis determinadas por um edital específico, caracterizam-no como egodocumento/autodocumento, ou seja, documento institucional que se apresenta como fonte específica não somente enquanto manifestação de uma individualidade mas também tal qual vestígio de formas de vida coletiva, mentalidades, formas de socialização, valores e características grupais, entre outros aspectos, inseridos como parte de um processo de institucionalização<sup>4</sup>.

Ao mesmo tempo, enquanto narrativa, a inevitável situação na qual narrador e personagem são a mesma pessoa, rompendo com as instâncias dicotômicas da escrita acadêmica em geral, assinala a presença do “pacto autobiográfico” (Lejeune, 2008, p. 48), no qual a confluência entre narrador e personagem busca construir um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual e, em particular, a história de sua personalidade”<sup>5</sup>.

Desse modo, os memoriais acadêmicos dos professores aprovados em concursos de livre-docência e de titularidade nos Departamentos de História e de Antropologia na USP e na Unicamp, entre 2000 e 2015, formam um corpo documental extremamente rico e cuja análise se insere em uma reflexão a partir de certos referenciais teóricos sobre ego-história, autoetnografia, autobiografismo e memorialismo, que contribuem para problematizar um processo específico de construção social da memória acadêmica e de perceber como algumas instituições e grupos gerenciam os vestígios de seu passado enquanto narrativa e documentação<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Waizbort (1998, p. 78) reconhece a natureza híbrida do memorial: “Decerto que o memorial acadêmico não pode postular para si a exclusividade de um gênero; mas situa-se muito próximo de toda a narrativa memorialística e, sobretudo, da autobiografia. Por sua indefinição, ele permite a aproximação com essas formas narrativas, embora, por outro lado, marque uma certa diferença, a ser creditada às exigências contingentes de sua fatura”.

<sup>4</sup> Em meados da década de 50 do século XX o historiador holandês Jacob Presser criou o conceito de “egodocumento” para definir os textos nos quais o autor escreve explicitamente a cerca de si mesmo, e nas décadas seguintes Winfried Schulze amplia o conceito na historiografia alemã incorporando os documentos escritos de forma involuntária ou obrigatória (como processos jurídicos, livros contábeis, testamentos, entre outros). Posteriormente outros pesquisadores alemães, como Fabian Brändle, Kaspar von Greyerz e Lorenz Heiligensetzer objetaram que a questão da vontade do autor deveria ser um limite para o enfoque de tais documentos, uma vez que as determinações de natureza judicial, administrativa ou econômica poderiam contribuir para uma percepção distorcida da pessoa, defendendo a delimitação de tais fontes como “autodocumentos” (*Selbstzeugnisse*) (Aristizabal, 2012).

<sup>5</sup> Após uma longa enumeração sobre as formas canônicas, inovadoras e novas do “espaço biográfico”, Arfuch (2010, p. 61) chama a atenção para o campo intelectual, no qual “assistimos a exercícios de ‘ego-história’, a um auge de autobiografias intelectuais, à narração autorreferente da experiência teórica e à autobiografia como matéria da própria pesquisa, sem contar a paixão pelos diários íntimos de filósofos, poetas, cientistas, intelectuais”.

<sup>6</sup> Coelho (1988) constrói uma crítica devastadora do Ensino Superior brasileiro a partir da discussão sobre a forma de organização das universidades brasileiras depois da reforma de 1968, que consagrou o princípio da “indissolubilidade do ensino, da pesquisa e da extensão”, e que, segundo o autor, em meio a muitas iniciativas interessantes também fez florescer uma nova casta de funcionários públicos, produzindo pouco mas se mantendo à custa de uma ciência que, na maioria das vezes, ou não existia, ou não merecia este nome. O autor apresenta elementos que se inserem em uma disputa administrativa e política que se desenvolveu a partir de finais da década de 70 e que hoje está revivida, a viabilidade e a necessidade de se estabelecer um sistema universitário onde todas as unidades estão estruturadas no modelo “*research university*” ou estabelecer dois níveis, nos quais um seria de excelência em pesquisa e desenvolvimento tecnológico e outro encarregado de formação de mão de obra.

Como afirmado por um dos memoriais analisado, de pesquisadora com forte relação com o estudo de trajetórias e biografias de intelectuais,

aquilo que o sociólogo identifica como uma maneira de proceder das elites inscrita nas fontes que elas produzem, encomendam ou subsidiam – ou seja, seus “modos de operação, valores, cultura política, sentimentos vigentes de hierarquia, padrões de relacionamento, características materiais e mentais” (idem, ibidem) – aplica-se, com as mediações devidas, às fontes disponíveis sobre outros grupos sociais. Se, no caso das elites, tais fontes, mais do que apenas falar sobre elas, indicam o modo como elas gostam que se fale delas e o controle que exercem nessa direção, o mesmo acontece nas fontes sobre grupos e pessoas com acesso privilegiado à produção cultural e simbólica, como é o caso dos intelectuais e dos intérpretes do teatro (Pontes, 2014, p. 26, nota 13).

Os memoriais, enquanto escrita de si, oferecem diversas possibilidades de interpretação, como pela utilização de categorias-chaves tais como formação, influências, rede de relações, família, conflitos, ensino, pesquisa, gestão, extensão, entre outros, ou a partir de suas manifestações de racionalismo, subjetivismo, memorialismo, etc.

O tipo de escrita de si que caracteriza o memorial, mesmo delimitada pelas determinações burocráticas dos editais que buscam a homogeneização, a racionalização e a formatação da narrativa autobiográfica, se traduz em rico material para uma investigação qualitativa.

Tal material oferece bases para reflexões sobre os *ethos* discursivos de cada campo profissional<sup>7</sup>, as práticas da profissão docente, os relacionamentos intragrupos (com os pares), as relações intergrupos, envolvendo o diálogo com instâncias administrativas educacionais e com os alunos em sala de aula e em orientações diversas, entre outros aspectos<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> *Ethos* utilizado aqui, de forma ampla, como o define a Análise do Discurso, ou seja, enquanto comportamento verbal e não-verbal dos envolvidos em um processo de interação social e que se traduzem como modos de enunciação (maneiras de dizer e de se apresentar) com base em indícios de tom, caráter e corporalidade. (Fairclough, 2001; Amoussy, 2005; Maingueneau, 2005, 2008). Assim, o *ethos* se projeta valendo-se de toda troca verbal, tanto oral como escrita, e na qual a manifestação discursiva possui uma especificidade que desenha uma imagem de si, que será (ou não) incorporada pelo auditório, ou seja, o possível público-leitor. Robert Merton, nos ensaios “A ciência e a ordem social” (1938) e “A ciência e a estrutura social democrática” (1943) – publicados no Brasil na coletânea “Ensaio de sociologia da ciência” (2013), discute as características da comunidade científica e define o conceito como o conjunto de normas e valores que caracterizam determinada comunidade, com seus imperativos específicos.

<sup>8</sup> Na tradição historiográfica brasileira são raríssimos os textos autobiográficos, exceto por algumas entrevistas, publicadas em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas, além dos memoriais acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos. Outras tradições intelectuais apresentam significativas diferenças na forma como se legitima e pratica a escrita autobiográfica de historiadores, com obras de maior extensão e que cobrem dimensões públicas e privadas das vidas dos acadêmicos enquanto prática comum entre adeptos de distintas tradições historiográficas e especialistas em diversos temas: Arthur R. M. Lower, Sir Keith Hancock, Saul Friedländer, Ronald Fraser, Pierre Nora, Luisa Passerini, Hans A. Schmitt, H. Stuart Hughes, Martin Duberman, Georges Duby, Howard Zinn, Deirdre McCloskey, George L. Mosse, Eric Hobsbawm, John Hope Franklin, entre outros. No Brasil podemos citar Nelson Werneck Sodré e Boris Fausto. Sobre as relações entre autobiografia e História, ver Weintraub (1975), Steedman (1992), Gossman (1994) e Hamilton (1994). Em relação à Antropologia a questão autobiográfica tem maior proximidade com o fazer etnográfico, pelas suas inevitáveis dimensões de vivência e de escrita, além da imensa produção de fundo epistemológico que representa a partir das últimas décadas do século XX um certo ceticismo metodológico, mas como exemplos podem ser destacados tanto um relato pouco conhecido como o de John Beddoe ou outros já clássicos como os de Bronislaw Malinowski e Margareth Mead, além das inúmeras autobiografias etnográficas.

Em sua diversidade de forma e conteúdo apresentam valiosas informações sobre os docentes, não só enquanto professores e pesquisadores, mas também como indivíduos e membros de grupos, permitindo a delimitação de origens sociais (dinâmicas familiares, posições no núcleo familiar, dados sobre os irmãos, pais e parentes mais próximos, redes de sociabilidade, ocupações e rendas, locais de residência, genealogia entre outros), da educação familiar e formal (processos de alfabetização e formação intelectual, atividades de lazer e culturais, viagens diversas, domínio de idiomas, panteão cultural, artístico e intelectual, esperanças subjetivas, alternativas de carreira, modelos de excelência, percepções de desempenho, etc.), de trajetória social (vida afetiva, casamento, dados sobre o cônjuge e sua família, filhos, capital material, entre outros) e a trajetória intelectual em si (para além do currículo, incorporando não só a sucessão de empregos, realizações e inserção no campo, mas ainda escolhas, heranças, trocas e rupturas, representações sobre corpo, classe, gênero e raça, perfis de identidade e referenciamento, etc.

O corpo documental, enquanto forma de arquivamento e gestão, apresenta particularidades de acordo com cada instituição.

Na Unicamp, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) identificava o memorial apenas como um apenso do processo, sendo o mesmo descartado após a realização do concurso público, embora outros institutos ou faculdades mantivessem a documentação de mesmo tipo, como por exemplo, a Faculdade de Medicina da mesma universidade.

O não arquivamento dos memoriais do IFCH se manteve até 2014, quando então a partir de contato do pesquisador com as chefias dos departamentos de História e Antropologia solicitando auxílio para a localização das fontes, o que tornou perceptível a inexistência de qualquer preocupação com a guarda, organização e preservação de tais documentos, deu-se início a um esforço da biblioteca local para reuni-los e organizá-los<sup>9</sup>.

Outro aspecto que tornou problemático o tratamento do corpo documental do IFCH da Unicamp foi a dinâmica interna de ascensão profissional, pois a diversidade de formas de ingresso na vida acadêmica, antes da atual normatização dos concursos públicos, permitia que muitos professores iniciavam-se na docência antes mesmo de terminarem o doutorado e, de acordo com que os departamentos consolidaram-se, realizaram uma ascensão profissional entre a posição de professor adjunto, professor-associado (que corresponderia à livre-docência) e professor titular, muitas vezes através de uma progressão profissional por mérito, regulamentada para esse fim pelo Conselho Universitário da instituição<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Esse desinteresse pela manutenção da memória institucional do IFCH em relação a tais fontes documentais talvez se relacione de alguma forma com a dimensão eminentemente bibliográfica da “obra” ou “vida acadêmica” de seus docentes, de tal forma que as realizações se acumulariam sempre na forma de livros, capítulos e artigos, mais do que em fatos e feitos. Tal particularidade, enquanto um impressionismo deste pesquisador, pode ser justificado pelo contraste com o esforço de manutenção da memória institucional da Faculdade de Ciências Médicas da mesma universidade, na qual, inclusive, existe um Centro de Memória e Arquivo, gestado desde 2006 e criado em 2008 (Vieira; Amaral, 2011).

<sup>10</sup> “A promoção por mérito é um procedimento que se aplica na UNICAMP a docentes que ingressaram na Universidade nos seus anos fundadores, no meu caso, em 1977. As normas da Deliberação CONSU-156/03, que regem esse procedimento, especificam o perfil de MS-5 pela produção acadêmica após o doutorado, que deve

Assim, até meados do período estudado, a transição entre os níveis docentes ocorrera através de processos cumulativos mediados por decisões burocráticas (conforme Deliberação CONSU-A-15-2000) que validavam a posição pelo mérito e conjunto da obra, sem necessidade de produção de tese ou memorial – assim, há um número expressivo dos docentes dos dois departamentos estudados que se tornaram Livre-Docentes ou Titulares sem a confecção de um memorial acadêmico.

No caso da USP, com a manutenção dos memoriais sob guarda do Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” (CAPH), o acesso apresentou uma dimensão mais bibliográfica, uma vez que estes já se encontram arquivados e catalogados, embora sejam muito pouco consultados, o que fez com que nosso interesse por tal corpo documental tenha produzido certa estranheza inicial<sup>11</sup>.

Em termos textuais não é incomum ocorrerem “auto-plágios” entre os documentos de um mesmo autor que se submeteu aos dois concursos no período, o que imaginamos que reflita três condicionantes: em primeiro lugar, pela ideia de que o vivido e o realizado até o primeiro concurso não se alterou e conseqüentemente a narrativa de vida sobre isso não necessita ser reelaborada, em segundo, uma percepção do memorial como dimensão menor dentro do concurso de provas e títulos, dotado de um papel secundário de exposição de realizações profissionais enquanto mera exigência burocrático-formal (o que é reforçado principalmente por aqueles que apresentam-se através de um texto mais enumerativo, de natureza mais cartesiana do que hermenêutica), e finalmente, a ideia de que tais documentos jamais seriam pesquisados, quem diria cotejados entre si, tanto que é recorrente a surpresa de docentes de tais áreas que descobrem-se objetos de pesquisa através de tal fonte.

### **Escrita de si e carreira acadêmica**

Quase que de forma consensual a identidade profissional do docente é apresentada a partir do encadeamento de diferentes e sucessivas fases que se estendem dos condicionantes da opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, pelas experiências enquanto opções, práticas, continuidades e descontinuidades do magistério (Souza apud Silva, 2015).

No entanto, as Ciências Sociais e a História pouco se dedicaram à problematização desse material, que apresenta tanto características de egodocumento/autodocumento como de relato autobiográfico, enquanto forma de construção de uma memória pessoal e institucional<sup>12</sup>.

---

incluir ‘produção científica de qualidade’ (pelo menos três artigos), orientação de trabalhos de pesquisa (pelo menos três teses ou dissertações), e docência regular na graduação e na pós-graduação” (Almeida, 2008, p. 2).

<sup>11</sup> Na USP encontram-se memoriais de diversos departamentos e faculdades sob a guarda da biblioteca da Universidade, ou mesmo sob os próprios departamentos, mas no caso da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) estes encontram-se no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica e alguns poucos estão acessíveis online, na página da faculdade (FFLCH, 2022).

<sup>12</sup> Aristizabal (2012) identifica uma reduzida contribuição analítica da historiografia hispano-americana sobre autodocumentos, o que poderíamos estender às Ciências Sociais em geral, pois o trabalho com fontes autobiográficas entre os historiadores locais se limitou a certas perguntas sobre a transcendência histórica do autor, sem explorar aspectos como a personalidade, a socialização, os valores, padrões de comportamento, etc. Em contraste, a teoria literária e a filosofia apresentariam uma produção mais volumosa, mas que durante algum tempo descartou as memórias, os diários, os relatos de viagem e as cartas, devido a “pobreza literária” ou “superficialidade intelectual” de tais documentos. Note-se que na teoria literária de matriz hispano-americana insinua-se uma curiosa dimensão de gênero em tal campo de estudo, com destaque para a argentina Sylvia Molloy (da *New York University*),

No campo historiográfico a escrita de si de historiadores encontra no surgimento do livro “Ensaio de Ego-história” (1989), organizado por Pierre Nora e com a participação de grandes historiadores franceses, um momento extremamente importante, mas dentro de uma opção metodológica que propõe a exploração de memórias individuais dos autores na busca de explicar sua trajetória e escolhas teórico-acadêmicas do que a si mesmo, de modo que os narradores buscam aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos escolhidos, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes lançou sobre os outros em uma perspectiva mais cartesiana do que hermenêutica<sup>13</sup>.

Tais historiadores ambicionam dividir de forma bastante estanque as dimensões de vida e obra, ao mesmo tempo em que, embora inseridos em uma cultura, a francesa, na qual a exposição e a participação pública do intelectual são bastante acentuadas, o falar de si parece pecar por impedir o falar de questões mais graves e importantes.

Por sua vez, ao longo do século XX as particularidades metodológicas da Antropologia, com a imersão cultural e os necessários diários de campo, colocam de forma precoce a discussão sobre autorreflexão e narrativa, o que se relaciona com o surgimento do neologismo “autoetnografia”<sup>14</sup> e os desdobramentos da questão da narrativa, a escrita de si e o fazer etnográfico.

A autoetnografia é uma metodologia surgida no interior da Antropologia Social, a partir do momento em que a experiência etnográfica é percebida para além da coleta de dados, das constantes observações e das anotações descritivas, incorporando a particularidade do ser e estar em campo e de como foram estabelecidas as interações com os contextos socioculturais enquanto uma experiência de aprendizagem, desafios e soluções, falhas e sucessos, que seriam assim compartilhadas através da escrita.

Ellis (2011) define a autoetnografia como a descrição e a análise sistemática da vivência pessoal (auto) que busca compreender a experiência cultural (etno) inserida em uma forma de pesquisa e escrita (grafia) com ênfase no processo de autorreflexão que aproximam características de autobiografia (escrita sobre o próprio passado) e da etnografia (estudo de práticas culturais) para a produção de descrições estéticas, evocativas e densas<sup>15</sup>.

---

a porto-riquenha Iliá Casanova-Marengo (da *St. Laurent University*) e a colombiana Carolina Álzate (da *Universidad de los Andes*).

<sup>13</sup> Na contracapa do livro explica-se: “Que é ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstracta, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a História que cada um fez e a história de que cada um é produto” (Nora, 1989, contracapa).

<sup>14</sup> A origem do termo “autoetnografia”, segundo Versiani (2005, p. 97), surge na Antropologia a partir de textos de Reed-Danahay, Phillipe Lejeune, Alice Deck e Mary Louise Pratt, como um desdobramento de discussões entre produção textual e subjetivação, nas quais a coletânea “*Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*” (1986) organizada por James Clifford e George Marcus e os trabalhos de Michael Fischer sobre autobiografias étnicas são alguns exemplos significativos.

<sup>15</sup> Essa aproximação entre a autobiografia e a etnografia pode resultar em um amálgama de documentos impressos e/ou audiovisuais produzidos por um pesquisador que pretende oferecer aos leitores uma escrita que incorpore “ação, diálogo, emoção, corporalidade, espiritualidade e um senso de autoconsciência” (Raab, 2013, p. 2).



Acreditamos que tais questões, por porosidade ou capilaridade do campo intelectual, devem se apresentar na escrita dos memoriais quer por aproximação ou por afastamento.

Embora entre os acadêmicos brasileiros a escrita autobiográfica de intelectuais não seja um tema de grande visibilidade em outras tradições culturais revela-se não só significativa como fundamental dentro dos respectivos campos de influência<sup>16</sup>.

Cada campo das ciências humanas reflete sobre a relação entre os processos de subjetivação e obra teórico-intelectual de forma distinta, como reflexo de suas pretensões científicas e das respectivas heranças positivistas que justificam as escolhas intelectuais possíveis, em um arco que se estende desde questionamentos sobre a questão da autoria até a afirmação crítica da dimensão sociocultural não só da obra em si mas de seu significado em diferentes contextos.

Uma das riquezas do material é identificar a forma como as determinações e configurações normativas do discurso acadêmico-científico se relacionam com a multiplicidade de identidades e referências que se criam no espaço entre o vivido, o lembrado e o narrado e essa complexa vinculação do vivido não só à ação, mas também à sua percepção enquanto vivência e de seus significados e múltiplas interrelações, ao lembrado e as construções reais ou imaginárias entre a lembrança, suas origens e seus desdobramentos, e o narrado enquanto compartilhamento e ocultamento, nos quais diferentes processos de subjetivação se desenvolvem.

Acreditamos que a partir da análise de algumas características estruturais dos memoriais seja viável discutir como estes se apresentam como um espaço de afirmações e negações, do que se lembra e do que se esquece, do que se mostra e do que se omite, ao mesmo tempo em que seu autor-narrador imaginando-se como representante de interesses de classe, ator estratégico, figura do *habitus*, ator racional, ser histórico ou agente socializado, entre outras possibilidades, está vinculado à relações particulares com seu tempo e espaço de forma que sua narrativa não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado.

### **Memoriais cartesianos e hermenêuticos**

Os memoriais se constroem a partir de duas orientações, que podem se mesclar, mas que em geral mostram predomínio de um tipo de narrativa, ora mais enumerativa e objetivista, identificada como cartesiana, ora mais digressiva e subjetiva, hermenêutica.

Em termos numéricos percebe-se que na Unicamp o Departamento de Antropologia apresenta um total de seis professores, sendo quatro mulheres e dois homens, que defenderam cinco Livres Docências e duas Titularidades no período 2000-2015, com um total de sete memoriais dos quais dois não foram

---

<sup>16</sup> Waizbort (1998), citando Martin Kohli, frisa as necessárias funções de referência e valoração das narrativas do passado e elenca seis dimensões valorativas evocadas para se contar uma história de vida: a criação autônoma (o *self-made-man*), a orientação de uma meta, a dimensão institucional (como carreira), a procura (e a ênfase nas mudanças), o jogo (resultado de um paralelograma de forças exteriores) e a autorreflexão (problematizando a continuidade e o eu). Tal lista não engloba todas as possibilidades, mas mostra a diversidade das soluções narrativas possíveis e reafirma de que modo a escrita e a análise de memoriais suscita mais problemas do que respostas.

recuperado, enquanto o de História tem catorze professores, oito homens e seis mulheres, que defenderam nove Livres Docências e oito Titularidades, com dezessete documentos, sendo que cinco não foram localizados.

Cronologicamente entre os memoriais de Antropologia dois de Livre Docência foram defendidos em 2008, dois em 2010, um em 2011 e de Titularidade, uma em 2010 e outra em 2014, ambas femininas, enquanto que de História uma Livre Docência foi defendida em 2000, três em 2001, uma em 2004, duas em 2010, uma 2009 e outra 2013, e de Titularidade temos uma em 2001, uma em 2002, duas em 2003, duas em 2004, uma em 2007 e outra em 2009<sup>17</sup>.

Na USP a distribuição no Departamento de Antropologia apresenta um total de onze professores que defenderam a livre-docência ou a titularidade no período estudado, enquanto no de História tem trinta e três na mesma situação.

Entre os antropólogos constam seis mulheres e cinco homens, com oito Livres Docências, que em termos cronológicos apresentam uma em 2000, uma em 2006, duas em 2012, uma em 2013, um em 2014 e duas em 2015, enquanto quatro Titularidades, duas femininas e duas masculinas, defendidas uma em cada ano, 2004, 2006, 2010 e 2012.

Entre os trinta e três historiadores, existem catorze mulheres e dezenove homens, com vinte e cinco livre-docências (nove femininas e dezesseis masculinas) e treze titularidades (seis mulheres e sete homens), sendo que em termos cronológicos uma única livre-docência foi defendida em 2000, 2001, 2004, 2011, 2013 e 2015, duas em 2005, 2007, 2008 e 2009, três em 2010 e 2014, cinco em 2012, enquanto titularidades se distribuem com uma em 2000, 2004, 2009, 2013 e 2015, e duas em 2006, 2007, 2010 e 2012<sup>18</sup>.

O formato é delimitado pela normatização acadêmica, em um texto impresso em folhas de sulfite A4, com margens de 3 e 2,5 cm, em tipo Times New Roman ou Arial, tamanho 12, com espaço 2 ou 1,5, ocupando em geral cerca de quatro dezenas de páginas, sendo comum o uso de notas de rodapé e no caso dos documentos analisados se mostraram quase totalmente ausentes quaisquer processos de estetização (como uso de imagens, utilização de textos literários para além de tímidas e raras epígrafes ou editoração do volume)<sup>19</sup> ou mesmo maiores arroubos literários.

<sup>17</sup> Quatro defenderam ambos os tipos de concurso dentro do recorte cronológico estipulado (2000-2015), três homens e uma mulher, com os homens demorando um, dois e três anos entre cada concurso e a mulher cinco.

<sup>18</sup> O volume de memoriais, setenta e seis exemplares, impede a abordagem de todos nos limites de um simples artigo, de modo tal que foram apresentados aspectos gerais e, quando possível, um ou outro exemplo que caracterizasse uma prática narrativa ou particularidade relevante a partir dos critérios escolhidos na presente análise.

<sup>19</sup> No acervo do CAPH, da USP, pouquíssimos memoriais apresentam editoração mais elaborada, com detalhes de estetização, sendo que diferenciais de forma são percebidos na maioria das vezes quando ocorrem somente pela forma de encadernação que eventualmente vai além da lombada unida com espiral e capa plástica transparente que se apresenta como padrão, ou a simples capa dura, em muito menor número, mas que pode receber diferenciação no acabamento ou na apresentação gráfica. São exemplos desse maior cuidado com as capas os memoriais de Livre Docência de Maria Cristina Wissenbach, de 2015, e de Titularidade de Eni Mesquita Samara, de 2000, ambas na História, e de Lília Schwarcz, de 2004, e John Cowart Dawsey, de 2006, os dois na Antropologia, apresentam tais diferenciais.

Câmara e Passeggi (2012) identificam três fases que refletem distintas estruturas narrativas nesse tipo de documento, as de institucionalização, consolidação e diversificação, sendo que as mudanças refletiriam dinâmicas internas das próprias instituições.

Na primeira, de institucionalização, inicia-se na década de 30 e se prolonga até a década de 50, quando se apresentam narrativas moldadas de forma mais ou menos rígida, de acordo com a sequência de itens exigidos nos editais que regulavam os concursos, sob pena de exclusão do processo de seleção. Em tal contexto a figura de si era centrada na formação intelectual e nas atividades profissionais e científicas, com espaço restrito para os aspectos subjetivos (familiar, religioso, político, etc.)<sup>20</sup>.

Na segunda fase, entre as décadas de 50 e 70, de consolidação, ocorre uma correspondência entre o memorial e o *curriculum vitae*, pois este é reduzido a uma listagem de eventos da vida científica dos professores e de suas realizações acadêmicas<sup>21</sup>.

A década de 80, por sua vez, marca o surgimento da terceira fase, da diversificação, e a partir da década seguinte ocorre uma revalorização, de forma particular e desigual, conforme as áreas do conhecimento e as distintas instituições do Ensino Superior no Brasil, de discursos com alta carga subjetiva nos memoriais acadêmicos<sup>22</sup>.

Entre homogeneidades e diversidades no interior desse modelo narrativo, percebe-se com maior facilidade exemplos de inventividade e estetização em memoriais de professores de outras áreas, onde o *ethos* e o perfil pessoal somam-se para a construção de pequenos artesanatos literário-acadêmicos, o que é relativamente raro em relação à História e Antropologia<sup>23</sup>.

<sup>20</sup> Certos espaços subjetivos sempre se manifestaram, embora que entre o formalismo e a objetividade exigidos o candidato eventualmente fazia referência ao ambiente familiar e ao ambiente escolar de formação como a fortes influências que haviam marcado sua escolha e sua trajetória, em uma demonstração de reverência e subjetividade que reafirmava os “predicados morais” que o *ethos* acadêmico do período, em alguns casos, chegava a apontar na regulamentação.

<sup>21</sup> De forma perspicaz, as autoras apontam a inserção de dados pessoais – como número dos documentos de identificação civil e endereço – no documento como fato simbólico do “apagamento do sujeito das estruturas sociais das quais faz parte”, o que se devia ao contexto político e social representado pela repressão do regime militar. Embora não nos pareça equivocada a relação, podemos também lembrar que, a partir da década de 50, a universidade brasileira sofre um processo de reestruturação que pode ser percebido, inclusive, pela criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – atual Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) –, em 1951, e da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), em 1967, com a regulamentação de um sistema de pós-graduação a partir de meados da década de 60, com ampla influência dos modelos acadêmicos norte-americanos, nos quais a objetividade do *curriculum vitae*, tão ao gosto da tecnocracia estatal, era o padrão formal mais desejável (por sua instrumentalidade quantitativa) do que o *Exposé des titres et travaux scientifiques* da tradição acadêmica francesa.

<sup>22</sup> Um recorte temporal mais recente, no século XXI, poderia constatar, em meio às consequências intelectuais do giro linguístico e das mudanças institucionais pelas quais a diretriz do *publish or perish* consolidaram e referenciaram o padrão Lattes na carreira acadêmica, apresentando novas particularidades. Em meio à manutenção de tradicionalismos o discurso autorreferenciado poderia ser entendido como uma forma de resistência aos processos de homogeneização/quantificação em curso nos últimos anos e que não têm sido só legitimados, mas também sacralizados.

<sup>23</sup> “*The scene is at once a literal place, a location, but also a moment in history, a (sociopolitical) space in cultura. Permeating the scene are all those many and non-identical discourses that comprise the sense of the ‘credible’ and the ‘real’. Then there is the ‘audience’ or the implied reader. [...] The audience comes to expect a certain kind of performativity that conforms relatively comfortably to criteria of intelligibility*” (Smith, 1995, p. 19-20).

Como destaques nos grupos estudados, antropólogos e historiadores, no caso da Unicamp não foram encontrados modelos diferenciados, até mesmo pela própria forma de recuperação do material, que não era conservado pela instituição e foi cedido pelos docentes na maioria das vezes como arquivo digitalizado, mas na USP se diferenciam os memoriais de titularidade de Zilda Márcia Gricoli Iokoi, de 2006, na História, e de John Cowart Dawsey, de 2006, na Antropologia, assim como o de Livre Docência de Margarida Maria Moura, de 2000, também na Antropologia.

Zilda Márcia Gricoli Iokoi optou por apresentar seu memorial, de capa dura cinza e um pouco mais de cem páginas, com um texto bastante autorreflexivo, em um design pouco convencional, pois o formato é de meia página A4, embora com estrutura padrão, contando, inclusive, com notas de rodapé e trazendo como anexo seu currículo Lattes.

O texto é claramente memorialístico, com uma riqueza de detalhes das lembranças sobre o núcleo familiar e suas relações na cidade de São Paulo, em que a metáfora de um caminho por uma escada, com subidas e descidas, é retomada aqui e ali para descrever a trajetória narrada, com os desafios da infância, as vivências familiares, a formação intelectual, a militância política e a perseguição durante a ditadura, a atuação docente em diferentes níveis de ensino, a trajetória de pesquisadora, e outros momentos e identidades reivindicados<sup>24</sup>.

O momento da reivindicação da titularidade, com a carreira já plenamente consolidada, os vínculos afetivos e profissionais já definidos, a relativa autonomia da obra e do legado estabelecida, permite um momento de reflexão sobre o campo e a instituição, com um nível de sinceridade e criticismo mais elevado:

Depois da Livre Docência mergulhei num cipoal de responsabilidades institucionais e de representações que me deixaram estagnada na escada, quase despencando, sem nenhum resultado. Debates, greves, negociações, isolamentos, individualismos e afastamento dos afetos. Nestas quase duas décadas a Universidade mudou drasticamente. Produtivismo, fechamento dos espaços de trocas afetivas, carreirismos, controles antidemocráticos se impuseram de modo totalitário sobre todos nós, como se a experiência de nossos mestres fundadores não tivesse existido. Cada um de nós amargou tristezas e se jogou num trabalho solitário (Iokoi, 2006, p. 47).

Os cinco anos entre a livre docência, em 2001, e a titularidade, em 2006, é identificado como um período de desagregação da instituição ou do mundo acadêmico, com a implementação de novos paradigmas e novas práticas, embora seja no interior deste quadro, ou a partir dele, que o número de concursos de livre docência e de titularidade se ampliam de forma significativa em termos quantitativos.

Por outro lado, o pessimismo em relação à tal quadro cede lugar na enumeração de projetos atuais e de planos futuros, sendo que no último parágrafo, dirigido à banca, afirma o estímulo recebido tanto

---

<sup>24</sup> Curiosamente, se a relação familiar e o vínculo com os pais e irmãos têm uma presença significativa – principalmente até o ingresso na vida profissional acadêmica, a relação conjugal e a maternidade recebem pouco destaque, e a corporalidade, outra dimensão em geral inexistente ou pouco explorada nos memoriais, também recebe destaque, tanto na descrição das sequelas da poliomielite quanto na referência a um grave acidente de carro, que a afastou por um ano da universidade enquanto aluna.

pelos erros quanto pelos acertos ao longo da trajetória, sendo que graças aos primeiros poderia advir a compreensão dos limites e a identificação de desafios de superação (Iokoi, 2006).

O memorial de John Cowart Dawsey apresenta uma encadernação em capa dura, de cor vermelha, sendo que consta, de forma centralizada, distante cerca de dez centímetros do topo da página, o nome do autor em letras brancas acima da palavra “memorial” em letras minúsculas amarelas, abaixo das quais se projeta em paralelo à lateral um conjunto de linhas brancas verticais, tal qual uma coluna, que se estende até o fim da página, sendo que ao lado de tais linhas, no fundo vermelho se veem pinceladas aleatórias, borrões de tinta, em preto e cinza – graficamente a palavra memorial tem um tipo de padrão de preenchimento que imita tais linhas.

O projeto gráfico é homogêneo em todas as páginas, com a utilização do mesmo tipo de letra, suas dimensões e padronagem, o uso das linhas verticais como complemento visual ou demarcação do texto, em convívio harmonioso, com certa flexibilização, mas sem comprometimento das normatizações dos padrões dos trabalhos acadêmicos, embora utilize texto em duas colunas, tal qual algumas revistas.

Por exemplo, a folha de rosto apresenta os elementos exigidos, em que a ordem interna destes é mantida mas a forma de diagramação atende ao projeto gráfico, pois em sua lateral esquerda aparece um conjunto de linhas verticais que ocupam metade da folha, ao lado das quais, à direita, e com alinhamento justificado, se apresentam a palavra “memorial” em letras minúsculas, mas com tipo maiores do que o restante das informações, o nome do candidato, como na capa, dispostos acima da justificativa do documento, do pertencimento institucional e da data.

O conteúdo apresenta um memorial, que ocupa cerca de cem páginas, e um *curriculum vitae*, com documentos e comentários que totalizam mais cinquenta páginas e, finalmente, um conjunto de anexos com mais de quatrocentas páginas e uma bibliografia. A primeira parte é composta por unidades narrativas tituladas de forma literária mas que também dão conta da trajetória acadêmica, de modo tal que as origens familiares e a formação na infância e adolescência, assim como a condição de filho de estrangeiros, entre outros momentos que são apontados através de títulos como “Uma janela para o mundo: Ginásio Estadual Vocacional ‘João XXIII’”, “Brasileiro para americano ver: Florida Southern College, Piracicaba, sertões e ‘bóias-frias’”, “Buraco dos capetas”, “Da ‘pedagogia do oprimido’ à ‘cultura proletária’: tese de doutorado”, “Magia, mimese e riso”, “De que riem os ‘bóias-frias’?: tese de livre-docência”, “Macunaíma e o ‘selvagem cerebral’”, “Antropologia da performance: desafios de Benjamin e Brecht”, “De volta ao vazio: o segredo do *bricoleur*”, entre outros que parecem fazer o movimento pendular entre a vida vivida e a vida pensada, precedendo um texto claramente confessional, com notas de rodapé, citações e referências diversas<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> A familiaridade de autor com a dimensão da performance como um de seus objetos de reflexão talvez seja um elemento catalisador desse modelo de forma e conteúdo, assim como a maior permeabilidade do discurso antropológico para a experimentação narrativa ou, dito de outra forma, a legitimação do campo acadêmico dos exercícios de autoetnografia.

Já em seu início a reflexão sobre o documento é apresentada em uma introdução intitulada “Vazio”, em que se explicita a dimensão da obrigação acadêmica e os vínculos do autor com sua formação como antropólogo e o desafio da descrição densa de si mesmo:

Observo o calendário com um leve sorriso. O prazo para entrega desse memorial coincide com o Dia de Finados – ou, em terras de língua inglesa, *Memorial Day*. A imagem não deixa de ser sugestiva. Busco, quem sabe, uma entrada ao reino dos mortos. A quem pedir passagem? [...] Seria um memorial também o encontro com uma espécie de Tupi-Kawahib – embora, nesse caso, leve o nome de um ‘eu’? Nas primeiras páginas de *Mito e Significado*, Lévi-Strauss escreveu: ‘Nunca tive, e ainda não tenho, a percepção do sentimento da minha identidade pessoal. Apareço perante mim mesmo como o lugar onde há coisas que acontecem, mas não há o ‘Eu’, não há o ‘mim’. Talvez seja essa a disposição metodológica mais apropriada para um memorial. Seria um memorial um momento de chegada, um barranco, quem sabe, de onde se observa o percurso de um rio? Ou seria um remoinho em plena travessia? ‘Viver é muito perigoso’. Coisas se juntam – inclusive de forma espantosa. Seriam efeitos de superfície? Sinalizam remoinhos. Interrupções. O encontro de águas vindo em diferentes direções. Coisas se afundam, e outras afloram. Atenções se voltam aos refluxos e contracorrentes, ou simplesmente para histórias que submergiram, ou não vieram a ser. Montagem de vida. Molecagem de *bricoleur*. Talvez se deva reter a imagem de algo que se afunda. Mais do que uma ascensão, um memorial evoca um retorno. Um movimento em direção ao baixo corporal de um rio. Ao limbo. Leito. Regiões inferiores. Aos lugares onde a própria história se decompõe. O desvio pode surpreender. No deslocamento do lugar olhado das coisas pode se deparar com piscadelas de caveiras (Dawsey, 2006, p. 14-15).

As obrigações da escrita acadêmica, com seus referenciais eruditos e as recorrentes notas de rodapé dividem espaços com a dimensão instrospectiva e autorreflexiva do narrador e a demonstração de suas angústias na condição de intelectual e de ser humano que escreve sobre si mesmo.

Na segunda parte, por sua vez, reproduz um levantamento setorizado e cronologicamente organizado dentro dos padrões do currículo profissional, e a terceira apresenta os trabalhos listados anteriormente, embora todos pontuados de observações e comentários pessoais.

Finalmente, o memorial de Livre Docência de Margarida Maria Moura, encadernado em brochura, apresenta-se com cento e dez páginas e quarenta e uma notas de rodapé, sendo que no anexo encontram-se cartas, documentos e fotos, que são usados na construção narrativa da trajetória da autora.

O texto apresenta uma clara dimensão memorialística, com uma narrativa nostálgica sobre o passado e os entes queridos, em particular sua mãe, Maria Júlia, e seus três filhos, Leandro, Priscila e Marília, sendo que em relação à primeira estabelece uma espécie de linha sucessória ou influência direta pois esta também foi antropóloga<sup>26</sup>.

No entanto a dimensão acadêmica nunca está ausente, como se vida pessoal e carreira profissional se mesclassem, ora de forma mais harmoniosa, ora de forma mais conflitiva, como em uma carta de 1982, endereçada à mãe, que fazia uma viagem com duas tias ao estrangeiro, na qual comenta o embarque do marido, Gérson, para a defesa do doutorado deste no *University College*, em Londres:

Querida mãe: Estamos aqui no Helen, restaurante do aeroporto comemorando a ida do Gerson para a Inglaterra. Minha carta ficou para os últimos momentos, tão assoberbada

<sup>26</sup> As seguidas referências à mãe se justificam ao final do memorial pela identificação dela como “figura matricial e axial de toda esta memória” (Moura, 2000, p. 108).

de coisas ando ultimamente. Não é à toa que muitos agradecimentos de teses de maridos citam as mulheres e vice-versa, pelo peso suportado nestes últimos momentos que antecedem a defesa. Eles envolvem muitas pequenas tarefas, uma extraordinária disponibilidade (e que em nosso caso é recíproca) e uma emoção muito positiva de querer ver tudo chegando ao “All is well when all ends well”, da peça de Shakespeare. Pensei muito e positivamente no desassombro de vocês três, partindo em busca de um mundo que adoram e que preenchem suas vidas e que será meu, muito meu, nestes anos vindouros. Parableno-me também com você de decidir levar seu trabalho para o Congresso, como costumeiramente tem feito. Quando penso nos evitáveis e inevitáveis percalços de minha atividade profissional, penso primeiro no que foi erro, no meu entender, na sua atividade – e procuro não reincidir; e o que foi acerto e exemplo. Sendo este o caso, copio simplesmente. Esta é certamente, a melhor forma de medir sua influência na construção de minha personalidade (Moura, 2000, p. 80).

A forma de narrativa, que preserva dentro da descrição da trajetória profissional uma enorme dose de lirismo e intimismo, com as transcrições das correspondências enviadas aos outros personagens evocados, apresenta o texto em aberto e como reflexo de uma vivência, afirmando de forma explícita em seu memorial a relação entre o sentir, o escrever e o viver, o que torna esse documento bastante rico e singular, verdadeiramente emblemático de uma abordagem hermenêutica da escrita de si dentro do acervo pesquisado.

### **(In)conclusões**

A diversidade narrativa dos memoriais pesquisados reflete o auditório ao qual se referem, que não só é um público leitor abstrato, mas também os pares, os profissionais que dividem com os autores certas ocupações similares, os referenciais teóricos (convergentes ou divergentes), redes de relações, sentimentos de pertença ou exclusão e identidades diversas.

Além dessa expectativa de público também se faz presente ali a comodidade e o desconforto decorrente das concessões aos referenciais recorrentes da escrita de si, como a ordem cronológica na vida de um personagem coerente e estável, dotado de “ações sem inércia” e “decisões sem incertezas”, que tensionam os limites do documental, que nem sempre é capaz de contemplar práticas cotidianas, e descontinuidades e as contradições de uma vida.

A divisão, para fins instrumentais, dos narradores entre cartesianos e hermenêuticos não permite identificar a dimensão performática como exclusiva de nenhum dos grupos, pois ambos os tipos de discursos enfatizam “virtudes” reivindicadas por distintos *ethos* profissionais e os *habitus* que compartilham.

De certa maneira, assim como a confissão no modelo rousseauiano rompia com certa trilogia funcional de controle no século XVIII (da natureza, da sociedade e do indivíduo) sobre o narrador (Arfuch, 2010) seria possível uma analogia da narrativa cartesiana, mais próxima do currículo e, portanto, evocada pela dimensão burocrático-formal do concurso e seu edital, com os padrões de escrita objetiva que fundamentavam tais controles, enquanto a abordagem hermenêutica, que reforça o memorialismo e o vivencial, poderia ser percebida como uma forma de resistência à impessoalidade, quantificação e, conseqüente, objetivação do narrador.

No entanto, também deve ser ponderado a questão do “horizonte de expectativa” de sua época e dos grupos envolvidos, que permitiriam múltiplos gêneros, arranjos e formas, assim como experiências de leitura e maneiras de avaliação diversas e moventes.

Os espaços para a estruturação pessoal do memorial, com uma relativa amplitude de possibilidades das escolhas narrativas, para além de estilos ou formas específicas, espelham o resultado e o estilo que são obras do autor enquanto indivíduo que, dentro de uma postura testemunhal e inserida em uma dimensão intencional, visa tanto contar a história de uma vida acadêmica quanto dar vida à uma história acadêmica.

Mais do que a abordagem das particularidades de cada um destes memoriais, sem dúvida algo denso e pertinente, mas secundário dentro da perspectiva adotada, nos interessa a constatação de seus lugares comuns que se convertem em marcadores discursivos.

Tais marcadores refletem um *ethos* acadêmico específico, referenciado e reafirmado no próprio processo de avaliação e julgamento dos concursos em suas respectivas áreas, os quais explicitam nas atas e relatórios finais do processo burocrático os elementos que formariam uma “virtude epistêmica” encontrada nos candidatos que se convertem pelo ritual burocrático em novos Livre-Docentes e Titulares.

As “virtudes epistêmicas” seriam o conjunto de qualidades epistêmicas, morais e políticas que os grupos profissionais reafirmariam no interior de suas atividades e de seus processos de institucionalização, caracterizando algumas marcas discursivas na forma de narrativa do memorial como processo de mediação que identifica o autor como alistado pelo grupo a partir de certas “referências circulantes”.

Desse modo, são recorrentes as referências às demonstrações, tanto no Memorial, como nas Provas Escrita e Didática e em uma eventual Tese, de “profunda erudição disciplinar”, “criatividade intelectual”, “capacidade analítica”, “coerência de princípios”, “honestidade intelectual”, “generosidade com colegas e alunos”, “produção científica original”, entre outros méritos reais ou imaginários.

Enfim, tal qual as duas lâminas do *lábrys*, o machado que a etimologia referencia ao labirinto, o memorial expõe seu narrador e seu mundo, o professor-pesquisador e a instituição na qual ele desenvolve sua trajetória e boa parte de sua vida, oferecendo inúmeras possibilidades de análise sobre os sujeitos e suas instituições.

Que outros estudos explorem as veredas já conhecidas e novas que poderão se abrir.

## Fontes

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. *Memorial* (Concurso de Professor Livre Docente em Antropologia). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2008.

DAWSEY, John Cowart. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em Antropologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da São Universidade de São Paulo, 2006.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

MOURA, Margarida Maria. *Memorial* (Concurso de Professor Livre Docente em Antropologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.



PONTES, Heloisa André. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em Antropologia). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2014.

SAMARA, Eni De Mesquita. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em História). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Memorial* (Concurso de Professor Titular em Antropologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Memorial* (Concurso de Professor Livre Docente em História). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

## Referências

AMOussy, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

ARISTIZABAL, Catherine. *Autodocumentos hispanoamericanos del siglo XIX: fuentes personales y análisis histórico*. Berlim: LIT Verlag; Hamburger Lateinamerikastudien, 2012.

BORGES, Jorge Luis. O jardim dos caminhos que se bifurcam. *Contos que valem a pena*. 04 ago. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3y0Xm4G>. Acesso em: 26 abr. 2022.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. O gênero memorial acadêmico no Brasil: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual. In: Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguístico do Nordeste. *Anais...* Natal: UFRN, 2012, p. 1-12.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

COELHO, Edmundo Campos. *A sinecura acadêmica: a ética universitária em questão*. São Paulo: Vértice, 1988.

DOURADO, Autran. Proposições sobre o labirinto. *Colóquio/Letras*, n. 20, p. 5-12, jul. 1974.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur. Autoethnography: an overview. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 12, n. 1, [s. l.], 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FFLCH. Memoriais. *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo*. 2022. Disponível em: <http://fflch.usp.br/memoriais>. Acesso em: 22 mar. 2022.

GOSSMAN, Lionel. History as (auto)biography: a revolution in historiography. In: DONALDSON-EVANS, Mary; FRAPPIER-MAZUR, Lucienne; PRINCE, Gerald (Orgs.). *Autobiography, Historiography, Rhetoric*. Amsterdam: Rodopi, 1994, p. 103-129.

HAMILTON, Paula. The knife edge: debates about memory and history. In: DARIAN-SMITH, Kate; HAMILTON, Paula. *Memory and history in twentieth century Australia*. Melbourne: Oxford UP, 1994, p. 9-32.

LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

MERTON, Robert. *Ensaio de sociologia da ciência*. São Paulo: Editora 34, 2013.

NORA, Pierre. *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino de; VICENTINI, Paulo Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. São Paulo; Natal: Paulus; EDUFRN, 2008.

RAAB, Diana. Transpersonal approaches to autoethnographic research and writing. *The Qualitative Report*, v. 18, n. 21, p. 1-18, 2013.

SILVA, Wilton Carlos Lima. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Tempo e Argumento*, v. 7, n. 15, p. 103-136, 2015.

SMITH, Sidonie. Performativity, autobiographical practice, resistance. *Auto/Biography Studies*, v. 10, p. 17-33, 1995.

STEEDMAN, Caroline. History and autobiography: different pasts. In: STEEDMAN, Caroline (Org.). *Past tense: essays on writing: autobiography and history*. London: Rivers Oram, 1992, p. 41-50.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

VIEIRA, Felipe Almeida; AMARAL, Ivan Luiz Martins Franco do. Memória, arquivo e patrimônio documental das Ciências da Saúde na FCM/UNICAMP. In: Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (ANPUH). *Anais...* São Paulo: ANPUH-SP, 2011, p. 1-12.

WAIZBORT, Leopoldo. Para uma sociologia do memorial acadêmico: um fragmento. *Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada*, n. 3, p. 77-82, 1998.

WEINTRAUB, Karl. Autobiography and historical consciousness. *Critical Inquiry*, v. 1, n. 4, p. 821-848, jun. 1975.